

# REMINISCÊNCIAS DE POE EM CONTOS MACHADIANOS

Roxana Guadalupe Herrera Alvarez\*

## Resumo

O artigo propõe uma reflexão acerca da relação que Machado de Assis estabeleceu com a obra contística do escritor norte-americano Edgar Allan Poe. Por meio da abordagem dos contos "O homem das multidões", de Poe, e "Só!", de Machado de Assis, é exposto o contraste entre as personagens e o tratamento do tema elaborado ficcionalmente pelos dois autores, a partir do conceito de influência dentro do marco da Literatura Comparada.

## Palavras-chave

Conto; Edgar Allan Poe; Literatura Comparada; Machado de Assis; Personagens.

## Abstract

A reflection on Machado de Assis established relationship with the North American writer Edgar Allan Poe short stories is proposed here. A comparison between the short stories "The Man of the Crowd" and "Só!" [Lonely] is made in order to set the contrast between characters and theme treatment, fictionally elaborated by the two writers, considering the concept of influence within the framework of Comparative Literature.

## Keywords

Comparative Literature; Characters; Edgar Allan Poe; Machado de Assis; Short Story.

---

\* Departamento de Letras Modernas – Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" – UNESP/São José do Rio Preto – SP. E-mail: roxana@ibilce.unesp.br

Machado de Assis, em diversas ocasiões, aludiu à obra do escritor norte-americano Edgar Allan Poe (1809-1849) com o intuito de reconhecer as excelentes qualidades das narrativas desse escritor. Como bem observa Patrícia Lessa Flores da Cunha em seu livro *Machado de Assis: um escritor na capital dos trópicos* (1998) é possível encontrar, pelo menos, cinco momentos, disseminados na obra de Machado de Assis, nos quais o escritor brasileiro dá mostras de conhecer de perto a obra de Edgar Allan Poe. Como afirma Flores da Cunha:

Esse contato de Machado de Assis com Edgar A. Poe pode ter ocorrido através da fonte primeira da leitura do texto original ou, como se imagina, pelo conhecimento precoce das traduções de Charles Baudelaire, o introdutor de Poe no circuito da literatura conhecida do seu tempo [...]. O certo, e o mais importante, é que as datas de publicação das mencionadas obras machadianas —respectivamente, 1866, 1882, 1883, 1885, 1896—, sendo que três delas ocorrendo significativamente no período dito de apogeu da sua contística, atestam uma convivência regular e consentida de, no mínimo, trinta anos com o espírito e a feição da obra do escritor norte-americano (CUNHA, 1998, p. 64-65).

Esse convívio regular de Machado de Assis com a obra de Poe, segundo Flores da Cunha, pode ser apreciado nas menções diretas a Poe nos seguintes contos machadianos: “Uma excursão milagrosa”, publicado em 1866, diz textualmente: “Suponho que os leitores terão lido todas as memórias de viagem [...] e todas as histórias extraordinárias desde as narrativas de Edgar Poe até os contos de *Mil e Uma Noites*” (MACHADO DE ASSIS, 1992, p. 759). Em “O anel de Polícrates”, publicado em 1882, diz o narrador machadiano: “Jurou-me que ia escrever a propósito disto, um conto fantástico, à maneira de Edgar Poe, uma página fulgurante, pontuada de mistérios” (MACHADO DE ASSIS, 1992, p. 332). No conto “Só!”, publicado em 1885, o narrador expõe: “Um grande escritor, Edgar Poe, relata, em um de seus admiráveis contos, a corrida noturna de um desconhecido pelas ruas de Londres, à medida que se despovoam, com o visível intento de nunca ficar só” (MACHADO DE ASSIS, 1992, p. 1.044). Os outros contatos com a obra de Poe mostram-se na publicação, em 1883, da tradução de Machado de Assis do poema “O corvo” e no prefácio de *Várias histórias*, publicado em 1896, em que diz: “Não são feitos [os contos que Machado inclui no volume de contos] daquela matéria, nem daquele estilo que dão aos de Mérimée o caráter de obras-primas, e colocam os de Poe entre os primeiros escritos da América” (MACHADO DE ASSIS, 1992, p. 476).

Esses cinco momentos na obra de Machado de Assis, que literalmente se referem à obra de Poe, dão testemunho de que o escritor norte-americano teria exercido notável influxo sobre o escritor brasileiro. Sem dúvida, no campo da Literatura Comparada, tal ascendência pode ser apreciada como influência. Para Claudio Guillén, em seu ensaio “A estética do estudo de influências em literatura comparada” (COUTINHO; CARVALHAL, 1994, p. 157-174), a questão da influência deve ser vista a partir de cinco proposições, das quais destacamos a terceira:

Um estudo de influência, quando integralmente realizado, contém duas fases bastante diferentes, uma vez que ele cruza a distância entre a origem do processo criativo e o poema propriamente dito. O primeiro passo consiste [...] na interpretação dos fenômenos genéticos. O segundo passo é textual e comparativo, mas inteiramente dependente do primeiro para atingir seu significado. Desta forma, primeiramente estabeleceríamos que uma influência realmente *ocorrera* e avaliariamos a sua relevância ou “função genética”. Em seguida considerariamos o resultado objetivo que a influência poderia haver

produzido; finalmente, definiríamos a sua “função textual” (COUTINHO; CARVALHAL, 1994, p. 167).

Como é possível apreciar, a terceira proposição estabelecida por Guillén remete à necessidade de empreender um caminho analítico que, num primeiro momento, estabeleça com clareza a existência de uma relação entre dois autores refletida no processo criativo. Tal relação teria de existir previamente à elaboração artística do autor que sofre a influência. E, em literatura, a relação entre dois autores se dá no âmbito da fruição do momento da leitura e da necessária visão crítica e estética que envolve esse ato. No caso de Machado de Assis frente a Poe, o que de fato existe é a certeza de um trabalho de leitura cuidadosa e crítica, permeado de admiração e prazer, comprovado por meio de alusões diretas à importância da obra do escritor norte-americano por parte do escritor brasileiro em suas obras. Obviamente, escapam à apreciação analítica os meandros da experiência anímica e psicológica decorrente do contato do autor brasileiro com a obra de Poe. No entanto, é possível inferir que a impressão deixada em Machado de Assis foi de tal relevância que o levou a registrar em diversos momentos sua experiência fecunda de leitura, como já se apreciou nas citações retiradas de alguns contos do escritor brasileiro. Soma-se a isso a tradução do poema “O corvo”, ato passível de ser considerado como tributo a Poe.

Uma vez comprovada a relação entre Machado de Assis e Poe, por meio do testemunho do próprio escritor brasileiro acerca de suas leituras da obra do escritor norte-americano e pelo trabalho de pesquisadores como Flores da Cunha que apontam e comprovam essa relação, surge a necessidade de observar detidamente em que medida esse nexos entre os escritores em apreço possibilitou o surgimento de textos machadianos cuja natureza, seja composicional ou temática, estaria estreitamente relacionada com a poética de Poe. Esse propósito é um passo além, pois não se baseia necessariamente na citação explícita de alguma passagem da obra do escritor que se reconhece como influência. É algo estreitamente relacionado com o trabalho com um dado tema, por exemplo, de forma a tornar reconhecível na obra que se aprecia o eco da voz de outro escritor, neste caso, a de Poe, mas sem se configurar como citação ou alusão explícita. No entanto, admitimos que tal operação só pode ser empreendida com segurança quando se tem dados comprobatórios de uma relação de influência entre escritores. Sem isso, o trabalho analítico levaria a estabelecer relações amplíssimas entre muitos escritores que talvez nunca tiveram alguma espécie de contato. No caso em tela, há suficientes elementos que permitem aplicar o conceito de influência à relação entre o escritor brasileiro e o norte-americano. Para iniciar o processo de apreciação do que se considera a influência de Poe sobre Machado de Assis, propomos a abordagem de dois contos: “O homem das multidões”, de Poe, publicado pela primeira vez em 1840, e “Só!”, de Machado de Assis, publicado em 1885.

### **“O homem das multidões”, de Poe**

Como já foi apontado acima, Flores da Cunha estabelece como um dado que mostra a relação entre os escritores em pauta a referência, por parte do escritor brasileiro, ao assunto que Poe propõe como fio condutor de seu conto: “a corrida noturna de um desconhecido pelas ruas de Londres, à medida que se despovoam, com o visível intento de nunca ficar só” (MACHADO DE ASSIS, 1992,

p. 1.044). Será necessário dedicar um olhar atento ao que Poe desenha no seu conto "O homem das multidões" (POE, 2001, p. 392-400). O texto se abre com uma epígrafe citando La Bruyère: "Ce grand malheur, de no pouvoir être seul" ("É uma grande desgraça não poder estar só"). O conto, narrado em primeira pessoa, refere as impressões de alguém que se livrara de um enfermidade e decide convalescer sentado num café em Londres, fumando e lendo o jornal, desfrutando de uma vivacidade em tudo oposta ao tédio e com o intelecto eletrizado, como ele mesmo reconhece. Esse estado vivaz e exaltado é um sinal de certa predisposição mental ao excesso e quiçá seja o resquício de um episódio de loucura, algo bastante frequente nos personagens de Poe.

Esse narrador-personagem encontra tempo para apreciar a maré humana, composta de diversos tipos, que lotava a rua próxima ao café nas horas perto do entardecer. O olhar perscrutador do narrador-personagem divide a maré humana em diversos tipos, cujos trajés e trejeitos são característicos dos trabalhadores dos mais diversos níveis sociais e de meliantes e ladrões. Essa necessidade inelutável de classificar em tipos criados e caracterizados por ele todos os transeuntes corresponde a uma mania que expõe uma condição ainda enferma. Quando anoitece, o narrador-personagem observa a retirada dos indivíduos mais ordeiros para dar passo ao grupo dos mais grosseiros e infames. Nesse processo agudo e maníaco de observação da multidão, o narrador-personagem logo repara numa fisionomia muito particular, capaz de capturar completamente sua atenção. É um velho decrépito, de uns sessenta e cinco ou setenta anos, semelhante ao diabo. Descreve assim sua impressão o narrador:

Jamais eu vira qualquer coisa de semelhante a essa expressão, mesmo remotamente. Lembro-me bem que minha primeira ideia, ao avistá-la, foi que Retsch, se a houvesse contemplado, tê-la-ia preferido, especialmente, para suas encarnações pictóricas do diabo. Como tentasse, durante o breve minuto do primeiro relance de vista, formar uma análise qualquer de seu significado oculto, despertaram-se-me, confusa e paradoxalmente, no cérebro as idéias de vasto poder mental, de cautela, de sordidez, de avareza, de frieza, de malícia, de sede de sangue, de triunfo, de alegria, de excessivo terror, de intenso e supremo desespero. Senti-me singularmente despertado, empolgado, fascinado. "Que estranha história não estará escrita naquele peito!" — disse comigo mesmo. Veio-me então o desejo ardente de não perder o homem de vista e conhecer mais a respeito dele. Vestindo às pressas um sobretudo e agarrando meu chapéu e minha bengala, encaminhei-me para a rua e fui abrindo caminho por entre a multidão, na direção que eu o vira tomar, pois ele já havia desaparecido. Com alguma dificuldade cheguei afinal a avistá-lo. Aproximei-me e segui-o bem de perto, embora com cautela, para não lhe atrair a atenção (POE, 2001, p. 395-396).

Essa impressão aguda, causada pela fisionomia e aparência anímica do velho, a qual pode corresponder a uma projeção da mente eletrizada desse narrador-personagem, obriga-o a deixar a segurança do café para empreender uma aventura na noite já cerrada e nebulosa. O narrador-personagem acrescenta que, ao continuar essa espécie de caçada, pareceu enxergar, oculto nas vestes do velho, o brilho de um diamante e de um punhal, exacerbando-se, desse modo, o fascínio quase febril pelo velho, prevendo, quiçá, o esboço de um crime. Segue-o entre a multidão, apesar da chuva que perturba os rumos da maré humana, parecendo prisioneiro duma febre que exalta suas percepções. Ele reconhece na chuva uma espécie de alívio para o resquício de sua velha febre.

A caçada se dá pela rua principal, depois por uma travessa menos apinhada onde o velho transita por mais de uma hora sem rumo visível. Depois passam a um largo brilhante e, repentinamente, o velho refaz todo o caminho andado para surpresa do narrador-personagem que não o perde de vista. Demoram nesse

passeio mais uma hora e, de repente, o velho envereda por uma viela a grande velocidade e desemboca num mercado. As ruas estavam mais vazias por causa da copiosa chuva. O velho permaneceu no mercado por cerca de uma hora e meia. O narrador-personagem refere que o seguia em sua perambulação pelas lojas, cada vez mais fascinado e decidido a não abandoná-lo até satisfazer a curiosidade que o tinha feito segui-lo. Intempestivamente, o velho se lança numa corrida vertiginosa por vielas e ruas, motivado por uma acotovelada que lhe dera um lojista quando fechava a loja. O narrador-personagem diz que desembocaram novamente na rua principal, perto do café. A rua estava bem iluminada, mas chovia e quase não havia ninguém. Lançou-se novamente o velho pelas ruas até chegar a um teatro de cujo interior saía o público. O velho se uniu à multidão que saía, parecendo mostrar-se satisfeito. Mas quando a multidão ia se dispersando, o velho tentava seguir alguns grupos. Quando as pessoas começaram a rarear, o velho pareceu incomodado. Voltou a correr até chegar à parte mais miserável de Londres onde se encontravam grupos de gentalha, o que pareceu animar o velho. Retomou a caminhada até ficar “diante de um dos mais imensos templos suburbanos da Intemperança, um dos palácios do demônio Álcool” (POE, 2001, p. 399).

O dia amanhecia e o velho se animou ao ver a multidão de ébrios aos quais se uniu. Porém quando o estabelecimento foi fechado, nova agitação tomou conta dele e lançou-se até o centro de Londres. Ao sair o sol, o velho e seu acompanhante continuaram perambulando pelas ruas, o velho satisfeito ao se misturar à multidão. O dia seguiu nessa movimentação e o narrador-personagem demonstrou cansaço e pouca disposição de acompanhá-lo uma segunda noite. Decidiu encarar fixamente o velho, que não fez caso dele. Então o narrador, entregue à contemplação, diz: “— Este velho — disse eu por fim — é o tipo e o gênio do crime profundo. Recusa estar só. *É o homem das multidões*. Seria vão segui-lo, pois nada mais saberei dele, nem de seus atos” (POE, 2001, p. 400) Essa conclusão está fortemente relacionada com o início do conto, no qual o narrador observa a existência de consciências inescrutáveis porque presas a seus hediondos crimes e aponta a solidão como um fator que potencializa a culpa. Estar só equivale a se defrontar com os crimes cometidos e ser torturado pela lembrança deles. Misturar-se à multidão é garantia de esquecimento, único meio de amortizar a consciência. A do narrador-personagem também?, cabe se perguntar, uma vez que, pela forma como o relato apresenta a personagem que narra, é factível supor a aventura narrada como parte do delírio da mente enferma do convalescente, como fica subentendido no início do conto. A perseguição voraz e febril no encalço de um velho demoníaco poderia proceder de uma visão perturbada, construída pelo desvario. Da mesma forma, os juízos de valor expostos pelo narrador-personagem quando descreve os transeuntes perdidos na multidão são produtos de uma mente assaz dogmática, possuidora da verdade incontestável. Por causa dessa caracterização dada ao narrador-personagem é possível inferir que a busca frenética de companhia, a impossibilidade de permanecer só devido ao medo de se ver assediado pela culpa poderia ser a condição da personagem que narra os eventos e o velho demoníaco seria uma projeção sobre a qual amplifica seus terrores.

### **“Só!”, de Machado de Assis**

O conto machadiano “Só!”, dialoga, como apontado por Flores da Cunha, com o de Poe. Abre-se também com uma epígrafe: “Alonguei-me fugindo, e

morei na soledade” retirada do Livro dos Salmos. No salmo LIV se invoca a ajuda de Deus para obter proteção contra os inimigos e ao mesmo tempo se deseja a punição de todos eles. A escolha dessa epígrafe contrasta com o relato de Poe. No conto do escritor norte-americano o velho é a expressão do diabo, segundo o narrador, e mistura-se à multidão porque é mau e quer fugir da culpa. O conto machadiano, por meio do trecho do salmo citado, reforça a ideia da solidão como refúgio. A narrativa se inicia com a chegada de Bonifácio a sua casa, uma moradia situada numa rua pouco movimentada. Nesse ponto, o narrador, em terceira pessoa, faz a seguinte observação:

Um grande escritor, Edgar Poe, relata, em um de seus admiráveis contos, a corrida noturna de um desconhecido pelas ruas de Londres, à medida que se despovoam, com o visível intento de nunca ficar só. “Esse homem, conclui ele, é o tipo e o gênio do crime profundo; é o homem das multidões.” Bonifácio não era capaz de crimes, nem ia agora atrás de lugares povoados, tanto que vinha recolher-se a uma casa vazia. [...] Vamos à verdade: ele queria descansar da companhia dos outros” (MACHADO DE ASSIS, 1992, p. 1.044).

O contraste que se estabelece entre Bonifácio e o velho do relato de Poe, incluindo o narrador-personagem, é apontado pela inclinação de um e outro: o velho é mau, logo busca a multidão para nunca estar só, perseguido por um febril personagem, o narrador do conto; Bonifácio procura a solidão, logo não é mau, “não era capaz de crimes”. A opção de Machado de Assis de recompor o tema trabalhado por Poe a partir da proposição contrária estabelece uma relação paródica, principalmente porque Bonifácio é caracterizado de forma oposta ao velho e ao narrador-personagem que o persegue, como se verá.

O desejo de se entregar à solidão procedia da relação de Bonifácio com Tobias, uma espécie de filósofo esquisito, o qual lhe incutira o desejo de descansar da companhia dos outros. Tobias permanecia longos períodos afastado do contato humano e em silêncio. Como única companhia, além de um criado, tinha as ideias que nunca o deixavam só. Para imitá-lo, Bonifácio pensa em se recolher duas semanas longe do contato humano, desse modo, a monotonia traria um sabor novo a sua existência, presa ao tédio provocado pelo excesso de vida social.

No primeiro dia, Bonifácio percorre a casa e repara em minúcias. Mas quando anoitece, começa a sentir-se melancólico e para se livrar dessa sensação, prepara o jantar. Deixa de dar corda ao relógio “a fim de tornar mais completa a solidão” (MACHADO DE ASSIS, 1992, p. 1046) lê, fuma e dorme. No outro dia, lembra-se que, de propósito, não mandou entregar os jornais e não acha como preencher o tempo até o almoço. Entretém-se observando as minúcias da casa. Depara-se com uma escrivinha dentro da qual, entre papéis de pouca transcendência, encontra uma caixinha onde guardou um pouco dos cabelos de Carlota, sua antiga amada. Começa a lembrar-se e se emociona. O narrador diz sobre Bonifácio:

Solteiro e sem parentes, Bonifácio fez da sociedade uma família. Contava numerosas relações, e não poucas íntimas. Vivia da convivência, era o elemento obrigado de todas as funções, parceiro infalível, confidente discreto e cordial servidor, principalmente de senhoras. Nas confidências, como era pacífico e sem opinião, adotava os sentimentos de cada um, e tratava sinceramente de os combinar, de restaurar os edifícios que, ou o tempo, ou as tempestades da vida, iam gastando (MACHADO DE ASSIS, 1992, p. 1.046).

Como é possível observar, Bonifácio também busca a companhia dos demais, mas o faz porque sua índole é fraca. O narrador machadiano compõe um

personagem fátuo e apegado às aparências. Não o move o mal, como ao velho demoníaco do conto de Poe. No entanto, essa passagem estabelece uma relação de semelhança entre as atitudes das personagens: o narrador-personagem do conto de Poe registra as andanças do velho que deseja a todo instante estar na companhia dos outros para escapar da culpa e por isso busca se juntar a diversos grupos de desconhecidos. Já a personagem machadiana, como refere a passagem citada, também busca a companhia dos outros e é capaz de adotar os sentimentos dos demais com a finalidade de reconstruir relações e mantê-las porque não consegue ficar só. Ambos se perdem nos grupos, diluindo suas individualidades, mas as motivações são diversas.

Retomando o fragmento citado, Bonifácio, depois do achado, ficou se lembrando da amada, com um sentimento que roubava o prazer de se entregar à refeição. Saiu à rua, imaginando como seria um encontro com Carlota. Pensou escutar a voz da amada, como tinha lhe acontecido cedo, quando imaginou escutar as vozes das pessoas da sociedade que freqüentava. Começou a chover e entra às pressas na casa e crê ouvir a voz de Carlota, mas vê que é imaginação. Sem dúvida, essa figuração de Bonifácio, cuja imaginação concebe a forma da amada de outrora, guarda uma relação estreita com a composição febril do velho demoníaco, quiçá produto da fantasia exaltada do narrador-personagem do conto de Poe.

Em outro momento dessa sequência narrativa, Bonifácio, de súbito, começa a lembrar do prazer que sentia nos dias de chuva quando, à porta dos amigos, ficava “vendo passar a gente, uns para baixo, outros para cima, numa contradança de guardas-chuva... A impressão do silêncio, principalmente, afligia mais que a da solidão” (MACHADO DE ASSIS, 1992, p. 1.047). Essa passagem estabelece uma conexão com outra passagem do conto de Poe na qual se narra quais são os efeitos da chuva sobre o comportamento do narrador-personagem, do velho e dos transeuntes, os quais se ocultam sob os guarda-chuvas. (POE, 2001, p. 396) Há uma recomposição de elementos no conto machadiano, elementos também presentes no texto de Poe, a qual gera um efeito distinto.

Bonifácio não consegue fazer nada, “estava impaciente, zangado, nervoso”. (MACHADO DE ASSIS, 1992, p. 1047). De repente, lembra-se de uma conversa com o amigo Tobias. Era sobre o comportamento dos cães. Tobias afirma que quando um cão é perseguido, outros cães, sem saber o motivo, unem-se aos cães perseguidores. O amigo observa que “Quem persegue ou morde, tem sempre razão” (MACHADO DE ASSIS, 1992, p. 1.047). Mas não lembrava mais da conversa nem do sentido das palavras do amigo. Nessa parte do conto é possível encontrar uma alusão ao ato de perseguir que também está presente em todo o conto de Poe. Nesse, um velho demoníaco é perseguido porque o narrador-personagem do conto refere seu fascínio por se encontrar diante de um gênio do crime. A perseguição tem o objetivo de conhecer mais sobre o velho demoníaco. Serão da mesma espécie ele e o narrador-personagem? (POE, 2001, p. 395).

Bonifácio, depois da lembrança dos cães, começou a se sentir ridículo, sem nada para fazer. Não conseguia calcular as horas, só sabia que era uma segunda-feira, dia em que tinha compromissos sociais. Tentou ler, mas o tropel da vida exterior o fazia se distrair continuamente. Jantou mal, bebeu copiosamente, dormiu e teve um pesadelo, mas antes de acordar viu “Tobias, olhando por cima dos óculos, com um fino sorriso sardônico e as mãos nas algibeiras” (MACHADO DE ASSIS, 1992, p. 1048-1049) No outro dia, continuava chovendo, uma chuva monótona. Bonifácio não conseguiu suportar, pois “A solidão, como paredes de um cárcere misterioso, ia-se-lhe apertando em

derredor, e não tardaria a esmagá-lo. Já o amor-próprio o não retinha; ele desdobrava-se em dous homens, um dos quais provava ao outro que estava fazendo uma tolice” (MACHADO DE ASSIS, 2001, p. 1049). Novamente o narrador machadiano recompõe elementos presentes no conto de Poe. A solidão passa a ser ameaçadora para Bonifácio, da mesma forma, o velho demoníaco e o narrador-personagem de Poe correm para se misturar à multidão, fugindo da solidão que lhes trará a culpa. A menção do duplo no conto machadiano também indica uma clara relação com a forma como o narrador-personagem e o velho demoníaco estão interligados no conto de Poe, dando a impressão de que o narrador-personagem concebeu uma projeção de si mesmo materializada na imagem do velho perseguido por ele.

Bonifácio, às três horas da tarde, saiu da casa e foi para a rua. Duas semanas depois da experiência de isolamento encontra o amigo Tobias e lhe conta o acontecido. Não aguentou dois dias de reclusão, teve de se lançar à rua. E Tobias “No fim, olhando por cima dos óculos, tal qual como no pesadelo, disse-lhe com um sorriso copiado do diabo: Quer saber? Você esqueceu-se de levar o principal da matalotagem, que são justamente as ideias...” (MACHADO DE ASSIS, 1992, p. 1.049). Bonifácio riu sem entender. Tobias lhe pede notícias e escuta o relato “com os olhos meio cerrados, pensando em outra coisa” (MACHADO DE ASSIS, 1992, p. 1.050). O caráter demoníaco, no conto machadiano, é atribuído a Tobias, um personagem conspicuamente sábio e mais complexo que Bonifácio. No de Poe, é atribuído ao velho, o gênio do crime.

## O gênero estranho no conto de Poe

Sob a perspectiva de Tzvetan Todorov, apresentada no livro *Introdução à literatura fantástica* (2003), é possível abordar alguns contos de Poe como pertencentes ao gênero estranho. Todorov descreve assim o estranho frente ao fantástico e o maravilhoso:

O fantástico, como vimos, dura apenas o tempo de uma hesitação: hesitação comum ao leitor e à personagem, que devem decidir se o que percebem depende ou não da ‘realidade’, tal qual existe na opinião comum. No fim da história, o leitor, quando não a personagem, toma contudo uma decisão, opta por uma ou outra decisão, saindo desse modo do fantástico. Se ele decide que as leis da realidade permanecem intactas e permitem explicar os fenômenos descritos, dizemos que a obra se liga a um outro gênero: o estranho. Se, ao contrário, decide que se devem admitir novas leis da natureza, pelas quais o fenômeno pode ser explicado, entramos no gênero do maravilhoso (TODOROV, 2003, p. 47-48).

O estranho, enquanto gênero, mantém uma relação estreita com o conceito de realidade porque, se aparentemente os fenômenos narrados estabelecem uma ruptura das leis que comandam a realidade, no final da narrativa a ordem é reconstituída e os fenômenos aparentemente sobrenaturais obtêm uma explicação plausível e se enquadram na realidade. Particularmente o conto “O homem das multidões” parece propor uma reflexão acerca do mal e da culpa por meio do olhar de um narrador-personagem imbuído de uma lógica que o faz lançar-se à procura de provas para corroborar sua hipótese: ele está na presença de um velho demoníaco, representação do gênio do crime. Para prová-lo vai impiedosamente ao encalço do velho, tentando reunir evidências que comprovem sua impressão. No entanto, esse narrador-personagem tão apegado à lógica e à

necessidade de comprovar sua hipótese se revela tomado por uma febril obsessão, uma fixação doentia na aparência do velho perseguido.

Como é possível observar a partir da leitura atenta do conto, o excesso demonstrado na aplicação do método científico, baseado na observação *in loco* e na reunião de provas, revela um espírito maníaco, sujeito a uma febre não curada completamente. Os elementos que sutilmente poderiam desafiar o conceito de realidade estão materializados na descrição do velho, o qual aparece como a pintura do diabo e do gênio do crime, na percepção aguçada do narrador-personagem que aparenta estar dotado de um apurado senso de lógica, mas que vai se mostrando, ao longo da narrativa construída por ele mesmo, como um maníaco sofrendo uma crise. Então, as observações advindas dessa consciência febrilmente exacerbada deixam entrever uma fixação doentia produto de uma projeção de algo que potencialmente poderia estar escondido no próprio âmago do narrador-personagem. O leitor desconhece a vida pregressa desse narrador, o qual é detentor do poder de arranjar os elementos constitutivos de sua narrativa. Quiçá seja ele mesmo o gênio do crime e teme estar só, daí sua louca correria no encalço do velho, quiçá inexistente?, no qual projeta toda sua abjeção.

Pautando-nos pelo conceito de estranho oferecido por Todorov, é possível apreciar o conto "O homem das multidões" como uma narrativa produzida por uma consciência dominada por uma espécie de loucura, pois os eventos referidos são apreciados por meio de uma perspectiva exaltada e dogmática. Desse modo, todos os eventos narrados e a imagem terrífica do velho demoníaco podem ser tomados como produtos de uma mente em desvario. A realidade não foi alterada, simplesmente foi apreciada através de uma lente disforme. Já o conto "Só!" dialoga com essa perspectiva do estranho no momento em que Bonifácio tem o pesadelo e quando, ao jantar, crê ouvir distintamente a voz de Carlota. O narrador esclarece a natureza explicável dessas experiências: a primeira é fruto do excesso de vinho e a segunda é produto da imaginação. Essa seria a forma de recompor a atmosfera do conto de Poe: dois momentos em que se abandona a ordeira realidade por meio do sonho e da fantasia.

## **Reminiscências de Poe em Machado de Assis**

A influência, como foi apreciada no início, é um conceito ancorado na percepção de que um escritor estabelece um nexos com outro, por exemplo, Machado de Assis e Edgar Allan Poe, a partir de um trabalho consciente de reelaboração de elementos literários. Para expandir a compreensão dessa relação, será necessário nos remetermos novamente à proposta de Claudio Guillén. Além da terceira proposição citada no início, as outras quatro esclarecem a maneira de abordar a dinâmica da influência entre artistas. Diz Guillén na primeira proposição que não basta estabelecer uma simples comparação entre A e B, pois será necessário estudar a gênese da obra de arte, vista a partir do conhecimento e interpretação dos componentes dessa gênese. Na segunda proposição, Guillén afirma que ao se estabelecer uma influência está se fazendo um juízo de valor e não a medição de um fato. O crítico avaliará a função ou abrangência do efeito de uma dada obra na formação de outra e essa tarefa corresponderá à ordenação dos efeitos (emitir um juízo de valor) e não ao seu simples registro. Na quarta proposição, Guillén afirma que o valor da influência é psicológico e não estético, no sentido de que a simples presença de determinados elementos composicionais em uma obra similares aos de outra não

basta para apontar uma influência. E isso é melhor explicado na quinta proposição, na qual Guillén afirma que o estudo das convenções e das técnicas artísticas é distinto do estudo das influências. Se assim não fosse, seriam quase infinitas as possibilidades de apontar influências em obras que utilizam a mesma forma, tema etc. No caso de Machado de Assis e Edgar Allan Poe, o reconhecimento por parte do autor brasileiro de ter efetuado a leitura atenta da obra do escritor norte-americano, além de se referir a ele e suas obras em determinados contos, como expusemos no início deste trabalho quando nos referimos à pesquisa de Flores da Cunha, evidencia de modo claro uma relação de influência.

Sandra Nitrini, em sua obra *Literatura comparada. História, teoria e crítica*, expõe o conceito de influência a partir das ideias de Cionarescu, o qual também elucida a natureza da relação que apreciamos entre Machado de Assis e Edgar Allan Poe. Observa Nitrini

Influência é o “resultado artístico autônomo de uma relação de contato” [citando Cionarescu], entendendo-se por contato o conhecimento direto ou indireto de uma fonte por um autor. A expressão “resultado autônomo” refere-se a uma obra literária produzida com a mesma independência e com os mesmos procedimentos difíceis de analisar, mas fáceis de se reconhecer intuitivamente, da obra literária em geral, ostentando personalidade própria, representando a arte literária e as demais características próprias de seu autor, mas na qual se reconhecem, ao mesmo tempo, num grau que pode variar consideravelmente, os indícios de contato entre seu autor e um outro, ou vários outros (NITRINI, 2000, p. 127).

Esse conceito de influência pode ser apreciado ao abordar em conjunto “O homem das multidões” e “Só!”. É preciso destacar que o conto de Machado de Assis se alinha ao estilo próprio do escritor brasileiro, mesmo que tenha se valido da sua atenta leitura do conto de Poe e dele tenha extraído elementos que, reelaborados na trama machadiana, fazem surgir um texto original, “uma obra literária produzida com [...] independência” como aponta Nitrini na passagem acima citada.

Nos contos em apreço há um diálogo estabelecido pelo reconhecimento, por parte do narrador de Machado de Assis logo nas primeiras linhas, de que o tema trabalhado por Poe em seu conto motiva as andanças da personagem Bonifácio. No entanto, percebemos que a construção dessa personagem machadiana se situa num nível particular. No conto de Poe, o narrador, que é também personagem, refere suas impressões acerca de um velho cuja busca incessante de companhia delata uma consciência incapaz de se enfrentar a si mesma na solidão porque se verá à mercê da culpa. Uma consciência consumida pelo mal. Já Bonifácio é fútil e tenta passar o tempo em solidão por inspiração de um amigo sábio, Tobias. A experiência se revela maçante para Bonifácio porque, segundo Tobias, esqueceu-se de levar as ideias. No entanto, no conto de Poe, a personagem do velho se move num nível instintivo, de acordo com sua natureza maligna e profunda, daí seus movimentos febris para driblar a solidão que o faria se enfrentar a si e a suas mazelas. Já Bonifácio, por carecer de vida interior complexa, não vivencia a solidão com intensidade. Deseja ficar só porque está cansado da vida social. Daí que a volta ao convívio com a sociedade, após dois dias sumido no alheamento, seja vista com alívio e como algo esperado. Mas esse alívio não é igual ao experimentado pelo velho demoníaco de Poe quando se junta à multidão.

Outro dado a ser destacado é que no conto de Machado de Assis, narrado em terceira pessoa, o foco recai sobre os esforços de Bonifácio para se adaptar à

solidão. Já no de Poe é o narrador-personagem quem se debruça sobre o velho, e vivenciam os dois a experiência de nunca ficarem sós no âmbito da narrativa. A insana perseguição une o narrador-personagem à projeção do velho demoníaco de tal modo que ambos estão sempre na companhia de estranhos. Se o tipo de narrador no conto de Poe tivesse se situado de outro modo, talvez no interior da personagem do velho a partir da terceira pessoa, o resultado narrativo obviamente seria outro. No conto de Machado de Assis, o narrador em terceira pessoa acompanha os movimentos de Bonifácio e constata e refere sua falta de profundidade. Já o narrador-personagem de Poe persegue sem piedade, como um cão de caça, o velho em sua correria incessante pelas ruas em busca de qualquer companhia. Bonifácio não teme a solidão porque tenha cometido crimes que virão assombrá-lo, como já observamos. Bonifácio sofre na solidão porque não tem ideias. O velho do conto de Poe foge da solidão porque seus crimes virão como fantasmas para torturá-lo. Na busca de companhia anônima encontra uma distração, uma garantia de esquecimento.

Nos títulos dos contos também fica evidente o contraste. Em um deles temos o homem das multidões e, no outro, o homem só. Na releitura de Machado de Assis há a construção de uma narrativa que, de certo modo, é oposta ao que o conto de Poe propõe. E o tom irônico empregado pelo escritor brasileiro para construir o drama existencial de um personagem vazio e pusilânime contrasta com o tom alucinado e alucinante de um narrador-personagem em desvario, o qual se persegue a si mesmo quando vai ao enalço do gênio do crime, como apreciamos no relato de Poe. E nesse contraste é possível apreciar como a influência, no caso de Machado de Assis, pode ser vista como uma maneira de recompor e até parodiar as personagens e atmosferas sombrias frequentes na obra de Poe. E essa releitura parece indicar como Machado de Assis apreciava a influência não como uma relação de submissão a um modelo a ser seguido e sim como a possibilidade de introduzir uma nova forma de apreciar um tema que na perspectiva de Poe enveredou por um caminho torturante.

ALVAREZ, R. G. H. Edgar Allan Poe's reminiscences in Machado de Assis's short stories. **Olho d'água**, São José do Rio Preto, v. 4, n. 1, p. 129-140, 2012. ISSN: 2177-3807

## Referências

FLORES DA CUNHA, P. L. Machado de Assis, avesso de Edgar A. Poe. In: \_\_\_\_\_. *Machado de Assis: um escritor na capital dos trópicos*. Porto Alegre: Editora Unisinos, 1998. p. 53-121.

GUILLÉN, C. A estética do estudo de influências em literatura comparada. In: COUTINHO, E. F.; CARVALHAL, T. F. (Org.) *Literatura comparada. Textos fundadores*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 157-174.

MACHADO DE ASSIS, J. M. Só! In: \_\_\_\_\_. *Obra completa*. Conto e teatro. v.II. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1992. p. 1044-1050.

NITRINI, S. Influência, imitação e originalidade. In: \_\_\_\_\_. *Literatura comparada*. História, teoria e crítica. 2 ed. São Paulo: EdUSP, 2000. p. 126-157.

POE, E. A. O homem das multidões. In: \_\_\_\_\_. *Ficção completa, poesias e ensaios*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2001. p. 392-400.

TODOROV, T. O estranho e o maravilhoso. In: \_\_\_\_\_. *Introdução à literatura fantástica*. São Paulo: Perspectiva, 2003. p. 47-63.

Recebido em 09/03/2012; Aprovado em 15/04/2012